

Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

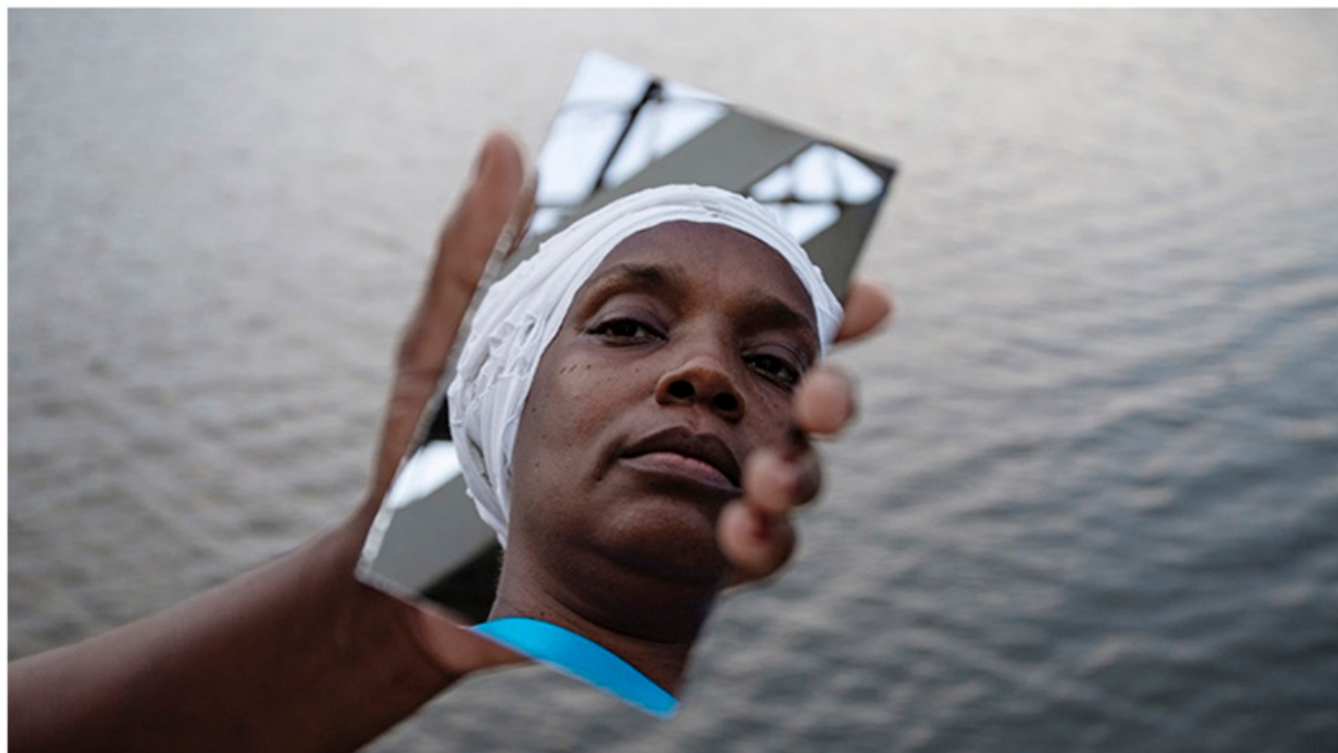


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA

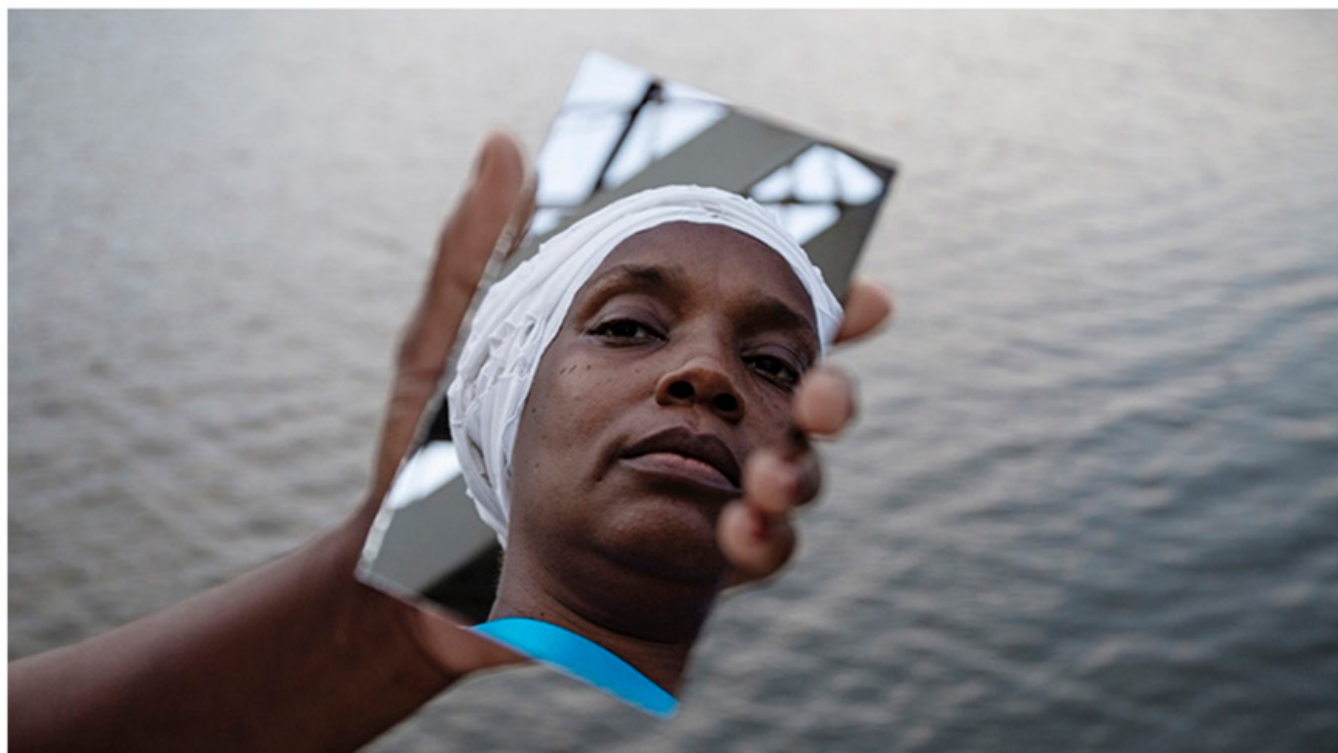


Imagem: Aline Motta, (Outros) Fundamentos, 2017-2019

Anais | Edição especial

42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte
07 a 12 de novembro de 2022 - Rio de Janeiro, Brasil

Locais de realização:
Universidade Federal do Rio de Janeiro
Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro



Organização



Apoio



42º COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE (2022)

PRESIDÊNCIA DE HONRA (*in memoriam*) – Walter Zanini

DIRETORIA DO CBHA (2023-2025)

Presidente - Vera Maria Pugliese de Castro (UnB/CBHA)

Vice-presidente - Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)

Secretário - Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)

Tesoureira - Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

DIRETORIA DO CBHA (2020 - 2022)

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Vice-Presidente - Neiva Maria Fonseca Bohns (UFPEL/CBHA)

Secretária - Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Tesoureiro - Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Presidente - Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Angela Brandão (UNIFESP/CBHA)

Arthur Gomes Valle (UFRRJ/CBHA)

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/CBHA)

Ivair Junior Reinaldim (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sheila Cabo Geraldo (UERJ/CBHA)

COMITÊ CIENTÍFICO DO 42º COLÓQUIO DO CBHA- 2022

Elisa Souza Martinez (UnB/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/CBHA)

Maria Inez Turazzi (IBRAM/CBHA)

Paulo Knauss de Mendonça (UFF/CBHA)

Rita Lages (UFMG/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DO PRÊMIO CBHA DE TESES/ 2022

Camila Carneiro Dazzi (CEFET-RJ/CBHA)

Dária Jaremtchuk (USP/CBHA)

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP/CBHA)

Paula Ramos (UFRGS/CBHA)

Vera Beatriz Siqueira (UERJ/CBHA)

COMISSÃO ORGANIZADORA DOS ANAIS DO 42º COLÓQUIO DO CBHA

Daniela Pinheiro Machado Kern (UFRGS/CBHA)

Eduardo Ferreira Veras (UFRGS/CBHA)

Fernanda Pequeno da Silva (UERJ/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

IMAGEM: Aline Motta, (*Outros Fundamentos*, 2017-2019).

DIAGRAMAÇÃO: Thaís Franco

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (42: 2022)

Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte - Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA, Rio de Janeiro, 7-12 nov. 2022. (Organizadores: Vera Marisa Pugliese de Castro, Eduardo Ferreira Veras, Ivair Junior Reinaldim, Daniela Pinheiro Machado Kern, Fernanda Pequeno da Silva e Rogéria Moreira de Ipanema. Porto Alegre: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2023 [2022].

Vários autores

1367 p. 21x29,7 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.42>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 42º do Colóquio do CBHA.

CDD: 709.81

Os textos dos artigos e as imagens reproduzidas nesta publicação são de responsabilidade dos respectivos autores.

Comitê Brasileiro de História da Arte (filiação ao *Comité Internationale de Histoire de l'Art*).

<http://www.cbha.art.br/index.html>

e-mail:cbha.secretaria@gmail.com

Presente do futuro: epistemográficas na nova pedagogia do olhar em Rosana Paulino

Rogéria de Ipanema, Universidade Federal do Rio de Janeiro/
<https://orcid.org/0000-0001-6759-557X>
rogeriadeipanema@eba.ufrj.br

Resumo

A presente comunicação quer pensar a dimensão histórico-cultural das imagens impressas de Rosana Paulino. A artista re-opera visualidades legitimadas no colonialismo no Brasil quando as ressignifica pela subversão social da ordem com que estas puderam circular no século 19 e no quanto ainda ganham circularidade sem a profundidade devida à escravização de corpos e almas africanas. Em sua produção epistemográfica, Paulino realiza uma remontagem da história por imagens de um passado-presente que não se aboliu. No presente-futuro mais urgente, no já “É para ontem”, o livro de artista *¿História natural?* promove uma nova pedagogia do olhar negra/negro, necessária e imprescindível para a cultural visual no/do mundo.

Palavras-chave: Epistemografias de Rosana Paulino. *¿História natural?* Livro de artista. Pedagogia do olhar. Imagens e remontagem da história. Estudos visuais.

Abstract

The presented paper intends to explore the historic-cultural dimension of Rosana Paulino's printed images. The artist re-operates visualizations legitimized by colonialism in Brazil. She resignifies them through the subversion of social order which allowed them to circulate in the 19th century and by how much they still gained circularity without depth given the slaving of African bodies and souls. In her epistemographical production, Paulino achieves a reassembling of history through images of a past-present that wasn't abolished. In the most urgent present-future, in “É Para Ontem”, the author's book *¿História natural?* promotes a new pedagogy of black views, necessary and vital to the visual culture in/from the world.

Keywords: Epistemography by Rosana Paulino. *¿História natural?* Artist's book. Pedagogy of views. Images and reassembling of History. Visual studies.

Imagens contra imagens

Dentro da importantíssima produção de Rosana Paulino, tem-nos provocado olhares dirigidos a sua obra impressa, que constitui uma potente epistemografia simbólica de tensão de verdades/realidades históricas entre África e América, cativadas pela Europa. A gráfica Paulino trabalha com contraimagens e contraimpressões que desestabilizam visualidades opressoras que permanecem na historicidade da história do Brasil. E, é neste terreno minado de ideologias autorreferenciadas superiores, que a impressora-gravadora desarma o absurdo inumano naturalizado na escravização, subvertendo narrativas visuais sobre a população negra e a negritude.¹ Assim, trazemos mais uma complexa página do livro de artista *¿História natural?* (fig. 1).²



Figura 1. Rosana Paulino, *¿História natural?* Livro de artista, 2016. Técnica mista sobre imagens transferidas em papel e tecido, linoleogravura, ponta-seca e costura. O livro tem 16 p., 29,5 x 39,5 cm e a caixa, 31,5 x 42,5 x 33,5 cm, 12 p. Acervo: Pinacoteca de São Paulo, SP. Crédito: Cortesia da artista.

1 Termo criado por Aimé Césaire no contexto das discussões das populações e expressões negras plurinacionais na década de 1930. GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

2 O presente texto dá continuidade às reflexões das imagens de *¿História natural?* Ver: IPANEMA, Rogéria de. Ex-sombras: imagens e (re)impressões do mundo em Rosana Paulino. In: *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte*, n. 41, p. 479-491, 2022 [2021].

Achille Mbembe: África

A África, para o pensador Achille Mbembe, ainda constitui uma das metáforas através das quais o Ocidente representa a origem de suas próprias normas, desenvolve uma autoimagem e integra essa imagem no conjunto de significantes, afirmando o que supõe ser sua identidade.³ E, nas discussões do eurocentrismo tardio, Mbembe articula raça e racialização política e jurídica na legitimação dos regimes, dizendo que:

No Triângulo Atlântico, esta produção da realidade segundo o princípio da partição, diferenciação, separação e hierarquia é obra desde o século XVII. Além disso, ao longo do eixo que conecta a Europa à África, a África às Américas e as Américas à Europa, o que se denomina Idade das Luzes culmina com a produção dos códigos negros. Através dos códigos negros, a raça, uma categoria fantasmática, [...] encontra refúgio em uma série de sistemas jurídicos, em particular em regimes coloniais e escravistas. Estes regimes criam, com efeito, um espaço quase fora do tempo, onde, como técnica de poder, o racismo (na realidade, um equilíbrio de força, historicamente datável) pode, doravante, encontrar em si mesmo o princípio e o fim de seu funcionamento.⁴

E Mbembe identifica: “é esse processo histórico que chamamos de racialização”.⁵

Racialização das imagens

Estamos tratando de uma das três páginas do livro *¿História natural?* estruturadas, para além do papel, também na materialidade do pano, porque ampliam sentidos visuais e conceituais, experienciados em camadas de dois tempos (fig. 2). No primeiro momento, coisificada na sombra sobre um antigo mapa-múndi europeu, a silhueta-estêncil chapada de uma mulher ocupa, como os grafites na cidade, um centro global da profundidade do corte da diáspora africana. O que vemos na silhueta, de fato, é o rebatimento de uma outra imagem (fig. 3), encoberta pelo tecido, que, ao levantá-lo a ocidente e descobrir a América, territorializa o Brasil e o escravismo no corpo da mulher negra dos seios de fora, visão interdita e subjetivações capturadas.

3 MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. Berkely/Los Angeles: University of California Press, 2001.

4 MBEMBE, Achille. *Note sur l'eurocentrisme tardif*. Blog Personnel d'Ekim Deger, 17 mar. 2021.

5 Idem.



Figura 2. Rosana Paulino, *¿História natural? Livro de artista*, 2016, p. 9. Técnica mista sobre imagens transferidas em papel e tecido, linoleogravura e costura, 29,5 x 39,5 cm. Crédito da imagem: Cortesia da artista.



Figura 3. Rosana Paulino, *¿História natural? Livro de artista*, 2016, p. 9. Técnica mista sobre imagens transferidas em papel e tecido, linoleogravura e costura, 29,5 x 39,5 cm. Crédito da imagem: Cortesia da artista.

A edição da tarja na imagem original, aparentemente pequena, não o é na resignificação sensível que retrata, contraditoriamente, a invisibilidade das mulheres negras e a (in)visualidade, podemos chamar assim, da silhueta ao lado. E aqui destacamos a compreensão de Juliana Bevilacqua sobre as metáforas do vazio na

obra de Rosana Paulino.⁶ Agora, a composição está completa a descoberto; contudo, reservamos para posterior reflexão do terceiro elemento acima, porque é preciso pausar nas temporalidades das histórias e nas histórias que as imagens compreendem em singular. Neste sentido, é importante encontrar as imagens-fonte com que a artista opera; identificá-las é pensar mais estreitamente a edição das montagens e as tensões que provocam.

Mulher de tarja nos olhos

Rosana recolhe da escravidão brasileira do Império uma fotografia tirada na Bahia (c. 1870) e encontrada, pela autora, no livro *O negro na fotografia brasileira no século XIX*.⁷ A autoria é de Albert Henschel, um dos privilegiados fotógrafos da Casa Imperial,⁸ que estabeleceu a sua Photographia Allemã em Salvador (em 1867) e no Rio de Janeiro (em 1870), e que em 1877 mudou-se para o Recife, e em 1882, para a cidade São Paulo.⁹ Na corte, em meados de 1870, o comércio de fotografia era notável e, no início de 1880, apresentava-se muito forte e concorrente, de forma que os fotógrafos que possuíam o título recebido pelo imperador se faziam acompanhar da distinção em peças publicitárias e anúncios. Na edição do *Almanak Laemmert* de 1881,¹⁰ ano anterior ao falecimento de Henschel, a Henschel & Co. aparece entre dezesseis fotógrafos anunciantes, incluindo dois com a mesma titulação da Casa Imperial: Joaquim Insley Pacheco e Pedro Sátiro de Souza da Silveira. Este, vizinho da Photographia Allemã na rua dos Ourives: ele no nº 40 e o outro no nº 34. Entenda-se que, por este comércio fotográfico intenso, também passavam a escravidão imperial e a imagem do Brasil.

Não é demais registrar que a fotografia é campo que possui garantidas historiografias.¹¹ No entanto, a mulher de olhar altivo do original não sabemos quem é – não tinha título nem distinção, mas, acima de tudo, ela é, e é imensa! E são destas vidas e resistências que Rosana Paulino está falando, pois da mulher foi tirada não a fotografia, mas o direito à história – à sua história.

6 BEVILACQUA, Juliana R. S. O vazio na obra de Rosana Paulino. In: *Rosana Paulino: a costura da memória* (Catálogo). São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

7 ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. São Paulo: G. Ermakoff Casa Editorial, 2004.

8 Henschel recebeu o título de Fotógrafo da Casa Imperial em 1874. O título foi conferido por D. Pedro II para 32 fotógrafos entre os anos de 1851 e 1889.

9 Mais em: FERREZ, Gilberto. *Fotografia no Brasil 1840-1890*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985; VASQUEZ, Pedro K. *Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX*. São Paulo: Metalivros, 2000.

10 *ALMANAK administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert Editores, 1881. p. 1.057-1.509.

11 Ver mais pesquisadoras e pesquisadores: Maria Inez Turazzi, Ana Maria Mauad, Boris Kossoy, Mauricio Lissovsky, Joaquim Marçal.

Geografias do corpo negro-continental

Pelo estímulo visual da composição, que movimenta nosso olhar de um lado para o outro (fig. 3), voltamos ao mapa, recuando aos inícios da diáspora negra pela criação atlântica ibérica da economia mundial escravista do açúcar.¹² No mapa, há (mesmo de haver) geografia do corpo da mulher no corpo da África, no corpo da América, cuja cabeça está sobre a Europa. E, ao não ter nem os olhos daquela fotografia temporalizada no Brasil dos Oitocentos, a arte de Paulino mundializa-a na representação de todas as mulheres negras africanas e afrodescendentes. No reuso da imagem, a complexificação continental da mulher estabelece a relação visual com a história e a geodesumanidade da escravidão.

Além das cartografias

Ao ver esta página do livro, entendo a presença do mapa como uma representatividade do colonialismo europeu. Com interesse na pesquisa da imagem, em especial da imagem impressa, desejei saber que mapa era este, impactado, agora, com a atualização da negra placa-continental-mulher num fundo cartográfico e anacrônico. Assim, tanto quanto os mapas carregam representações simbólicas e imaginárias, o pensamento cartográfico (*Map thinking*) posto por Winther¹³ em *Quando os mapas se tornaram o mundo* refere-se à reflexão filosófica de como os mapas são constituídos e para que usos. O autor pergunta quais os propósitos de reconhecimento de objetivos e limites das representações para além da visualidade cartográfica. Para além da física e da matemática, uma vez que atravessam as ciências, a arte, a vida cotidiana. Pensar a partir da pergunta proposta em *¿História natural?* nos move também para a identificação do mapa e dos passados coloniais e de barbárie, estendendo o alcance das antissubalternidades dos problemas pedagógico-visuais na remontagem da história de Rosana Paulino.

Mapas e poderes

A importância política dos mapas ganhou maior alcance no século 16, quando monarcas e ministros reconheceram as suas funções. A dominação europeia de territórios mundiais foi então subsidiada pela cosmologia quinhentista, pela gravação de novas cartas e em edições de modernos atlas. Assim, as imagens impressas do mundo na compreensão da Europa eram constituídas e entravam em circulação, o que fez com

12 MARQUESE, Rafael de B. Economia escravista mundial. In: SCHWARTZ, Lília M.; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 204.

13 WHINTER, Ramus G. *When maps became the word*. Chicago: The University of Chicago Press, 2020.

que com que imprimarias – com desenhistas e gravadores – e editoras ampliassem os parques gráficos para atendimento do poder político e comercial. Neste contexto, as relações de distinção de especialistas subsumidos aos reinantes também se enunciavam nas edições privilegiadas. Cito a conhecida *Cosmografia universal de André Thevet, cosmógrafo do rei*¹⁴ (1575), obra literária produzida em período em que se atualizavam antigas cartografias e em levantamentos produzidos nas invasões ao *Mundus Novus* e terras brasileiras.¹⁵ Thevet, que também era cartógrafo, já havia captado na Baía de Guanabara as *Singularidades da França Antártica outrora denominada de América...*¹⁶ (1558).¹⁷

América, modernidade/colonialidade e decolonização

Era o século 16, era moderna das invasões aos grandes territórios vivos desconhecidos, dos batismos da/na América. América, esta que é a dimensão para Quijano, que inventa a Europa.¹⁸ Dimensão problematizada também por Walter Mignolo na chave modernidade/colonialidade aberta no Renascimento.¹⁹ Programas seguidos na modernidade colonial da escravização da África nas Luzes/Ilustração. Nesta perspectiva, veja-se também o tratamento de revisão da leitura histórica dos mapas produzidos das colônias inglesas na América do Norte, em *Decolonizando os mapas: cartografia da colônia para a nação*.²⁰

14 A obra tem quatro tomos em dois volumes compreendendo a África, a Ásia, a Europa e a quarta parte do mundo, com 1.025 folhas. Ver: THEVET, André. *La cosmographie universelle...* Paris: G. Chaudière, 1575. Fonte: Bibliothèque Nationale de France.

15 Ver: ADONIAS, Isa. *Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1995.

16 THEVET, André. *Les singularitez de la France antarctique, autrement nommée Amérique...*, 1558. Paris: Imp. de C. Plantin, 1558. Fonte: Bibliothèque Nationale de France.

17 Mais sobre a presença francesa na Guanabara em: BERBARA, Maria et al. (Orgs.). *França Antártica: ensaios interdisciplinares*. Campinas: Editora Unicamp, 2021.

18 QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e as ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

19 O autor questiona o período em *O lado obscuro do Renascimento*, de 1995. Ver também: MIGNOLO, Walter. *História locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

20 AKERMAN, James R. *Decolonizing the maps: cartography from colony to nation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2017.

Invenções e invasões planetárias



Figura 4. Jodocus Hondius, *Vera Totius Expeditionis Nauticae*, ca. 1595, Amsterdã. Gravura, corte doce, buril, colorida, 2 hemisférios cada 28 cm em diâm., em folha 41 x 56 cm. Fonte: Library of Congress, Divisão de Geografia e Mapas da Biblioteca do Congresso Washington, DC 20540-4650 EUA dcu. Disponível em: <<https://lccn.loc.gov/92680608>>. Acesso em: 10 out. 2022.

A cartografia ao fundo da página da figura 3 é o mapa-múndi gravado *Representação verdadeira de uma expedição náutica global, descrição...* Uma carta náutica levantada por duas viagens de circum-navegação promovidas pela Inglaterra no reinado de Elizabeth I. A edição do planisfério contém a inscrição do cartógrafo, gravador e editor de Flandres Jodocus Hondius. O exemplar da Biblioteca Nacional da França é preto e branco²¹ e a Biblioteca do Congresso em Washington possuiu o planisfério iluminado²² (fig. 4) com aproximação de edição em Amsterdã. Lemos o título e a descrição:

21 HONDIUS, Jodocus. *Vera Totius Expeditionis Nauticae*, 1595. Gravura buril, 38 x 54 cm. Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département Cartes et Plans, GE D-12553.

22 Na ficha: "Doação do espólio de Robert H. Power. Inclui texto, 2 mapas auxiliares mostrando o desembarque na Califórnia e Java, 2 vistas auxiliares mostrando as boas-vindas de Drake nas Molucas e o navio de Drake lançado nas rochas perto das Celebes e doente [sic]." Fonte: Biblioteca do Congresso, Divisão de Geografia e Mapas da Biblioteca do Congresso Washington, DC 20540-4650 EUA dcu.

[Representação] verdadeira de uma expedição náutica global

Descrição de D. Francis Drake, que, com cinco navios muito bem equipados, partiu da Inglaterra a 13 de dezembro de 1577. Circum-navegando a circunferência do globo terrestre, retornou com somente um navio à Inglaterra a 27 de setembro de 1589 com imensa glória, tendo os demais [navios] sido queimados ou afundados. Adicionou-se também uma viva representação da navegação de Thomas Cavendish, um nobre inglês que realizou quase o mesmo percurso de Drake, também saindo da Inglaterra, pelo orbe do mundo, porém com menor dano e em menos tempo; pois embarcou no navio a 21 de julho de 1586, e a 15 de setembro de 1588 retornou, com imensas riquezas e com a admiração de todos, à pátria e ao porto de Plymouth, de onde anteriormente partira. Jodocus Hondius (Tradução do latim de Pedro Baroni).

(Fonte: Biblioteca do Congresso, Divisão de Geografia e Mapas da Biblioteca do Congresso Washington, DC 20540-4650 EUA dcu).

Edições e ordens impressas para os continentes

O historiador português Diogo Ramada Curto²³ ressalta a relação dos poderes e a cartografia no século 16 e as políticas de interesse no *Mundus Novus* quando cita a primeira edição do atlas compilado *Theatrum orbis terrarum*,²⁴ de Abraham Ortelius, de 1570,²⁵ dedicada a Felipe II. Ao contrário da ordem tradicional de apresentação dos continentes, neste atlas, logo após a primeira imagem de um mapa-múndi, vem o mapa da América, depois da Ásia, da África e, por último, a Europa, fechando com as Ilhas Britânicas e a Península Ibérica. A versão do atlas de 1588 com o título em castelhano, *Theatro del orbe de la Tierra*, retorna à ordenação hierárquica²⁶ com a primazia do mapa do Velho Mundo e, por último, o Mundo Novo, o que se pode ver na edição de 1612.²⁷ E tiveram outras ordens: na própria *Cosmografia* de Thevet, a sequência dos continentes vem com a entrada pela África seguida de Ásia, Europa e quarta parte do mundo.

23 CURTO, Diogo R. *Cultura colonial e projetos coloniais (séculos XV a XVIII)*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

24 Atlas de reprodução de desenhos de mapas compilados, editado a partir da regravação das matrizes pelo geógrafo, o qual obteve várias edições. Ver: SCHULER, C. J. *Cartografando o mundo*. Paris: Éditions de Place des Victoires, 2010.

25 Para a edição de 1573: ORTELIUS, Abraham. *Theatrum orbis terrarum...* Antuérpia: Coppenium Diesth, 1573. Fonte: Bibliothèque Nationale de France.

26 CURTO, op. cit.

27 ORTELIUS, Abraham. *Theatro del orbe de la Tierra....* Antuérpia: /Se vende en la libreria Plantiana/, 1612. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional.

O *Teatro* de Ortelius ganhou circulação em reedições entre 1570 e 1622, muitas saídas das imprimarias da Antuérpia (pudemos saber de dez),²⁸ inclusive a edição de 1602 de Hondius, autor do mapa (fig. 4). Curto (2009, p. 153) reforça ainda que, “de uma forma geral, as práticas de escrita e as estratégias editoriais correspondem à competição ultramarina entre portugueses, holandeses, ingleses, franceses e venezianos”. Assim, seguiu-se intensamente a procura de mapas – com deslocamento dos centros das oficinas impressoras²⁹ –, devido ao crescente comércio internacional, incluindo o tráfico de escravizados negros que só terminaria no longo século 19.

Aleitamento social: página aberta no ventre das mães



Figura 5. Rosana Paulino, *¿História natural? Livro de artista*, 2016, p. 9. Técnica mista sobre imagens transferidas em papel e tecido, linoleogravura e costura, 29,5 x 39,5 cm. Crédito da imagem: Cortesia da artista.

28 Atlas, edições e imprimarias em: IPANEMA, Rogéria de. Atlas *Le grand théâtre de l'univers*: imagens gravadas do mundo em colecções de acervos. *Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte* (evento on-line), p. 254-266, 2021 [2020].

29 No final do século 17, Paris e Londres sobrepuseram as cidades de Amsterdã e Antuérpia como centros editoriais de cartografia.

Voltamos à edição do passado-presente na gráfica de Rosana Paulino no século 21 – página completa. Na terceira visualidade exposta, reside o tempo que gesta dentro do ventre do lado de fora, lá no alto, acima de tudo e acima de todas. Em simbólico espaço isolado, a expressão da vida interior impressa em vermelho. É geração, contudo é a representação suprimida das mulheres, dos ventres que não são seus, das vidas cujos corpos Rosana corta ao significar o extrativismo colonial a sangue de África. São seios do aleitamento social compulsório na constituição demográfica brasileira de mais de trezentos anos de gerações de proprietários e proprietárias de vidas negras. E são as mães da nação, tomando-se a completude da composição: a impressão vermelha – imagem gravada pela artista – fez desvelar o que está por debaixo do pano e que precisa ser dito. E, em citações visuais, toda a imagem compreende a permanência do racismo no país. Como Silvio Almeida³⁰ aprofunda, o racismo é estrutural.

Imagens em nova pedagogia do olhar

Com imagens que não são suas, como escolha metodológica e conceitual da artista, *¿História natural?* revolve significados construídos de um passado muito presente no Brasil. Sua abordagem é sobre o reconhecimento visual, social, político e cultural que estas imagens carregam e descarregam sobre a população negra hoje. Em sua obra, Rosana Paulino alerta para a desidratação dos significados de imagens conhecidas, problematizando-as, desconfortando-as na percepção que se vai comum, que passa a uma legibilidade³¹ de história comum, mas que não o é e não deve permanecer. Paulino apresenta imagens para uma nova pedagogia do olhar e, como as imagens não são neutras, a autora também provoca o descolamento da neutralidade de quem as vê.

Referências

ADONIAS, Isa. *Imagens da formação territorial brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Emílio Odebrecht, 1995.

AKERMAN, James R. *Decolonizing the maps: cartography from colony to nation*. Chicago: The University of Chicago Press, 2017.

³⁰ ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021. (Feminismos Plurais, coord. Djamila Ribeiro).

³¹ Didi-Huberman faz uma profunda reflexão sobre legibilidade e história ao tratar das imagens filmicas produzidas imediatamente à entrada nos campos de concentração nazistas pelos exércitos soviético e estadunidense. DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontagens do tempo sofrido*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

ALMANAK administrativo, mercantil e industrial da corte e província do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Eduardo & Henrique Laemmert Editores, 1881.

ALMEIDA, Silvio. *Racismo estrutural*. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021. (Feminismos Plurais, coord. Djamila Ribeiro).

BERBARA, Maria; MENEZES, Renato; HUE, Sheila (Orgs.). *França Antártica: ensaios interdisciplinares*. Campinas: Editora Unicamp, 2021.

BEVILACQUA, Juliana Ribeiro da Silva. O vazio na obra de Rosana Paulino. In: *Rosana Paulino: a costura da memória* (Catálogo). Curadoria: Valéria Piccoli, Pedro Nery; textos Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua, Fabiana Lopes, Adriana Dolci Palma. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

CURTO, Diogo Ramada. *Cultura imperial e projetos coloniais (séculos XV a XVIII)*. Campinas: Editora Unicamp, 2009.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Remontagens do tempo sofrido*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

ERMAKOFF, George. *O negro na fotografia brasileira do século XIX*. São Paulo: G. Ermakoff Casa Editorial, 2004.

FERREZ, Gilberto. *Fotografia no Brasil 1840-1890*. Rio de Janeiro: Funarte, 1985.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HONDIUS, Jodocus. *Vera Totius Expeditionis Nauticae*, ca. 1595, Amsterdã. Gravura, buril, colorida, 2 hemisférios cada 28 cm em diâm., em folha 41 x 56 cm. Fonte: Library of Congress, Divisão de Geografia e Mapas da Biblioteca do Congresso Washington, DC 20540-4650 EUA dcu. Disponível em: <<https://lccn.loc.gov/92680608>>; <<https://www.loc.gov/resource/g3201s.ct000130>>. Acesso em: 10 out. 2022.

_____. *Vera Totius Expeditionis Nauticae*, 1595. Gravura, corte doce, buril, 38 x 54 cm. Fonte: Bibliothèque Nationale de France, Département Cartes et plans, GE D-12553. Disponível em: <<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb42556365h>>. Acesso em: 10 set. 2022.

IPANEMA, Rogéria de. Atlas *Le grand théâtre de l'univers*: imagens gravadas do mundo em coleções de acervos. In: *Anais do 40º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte* (evento on-line), CBHA, p. 254-266, 2021 [2020]. Disponível em: <<http://cbha.art.br/coloquios/2020/anais/pdf/Rog%20de%20Ipanema.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

_____. Ex-sombras: imagens e (re)impressões do mundo em Rosana Paulino. In: *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte* (evento on-line), CBHA, n. 41, p. 479-491, 2022 [2021]. Disponível em: <<http://cbha.art.br/coloquios/2021/anais/pdf/040.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MARQUESE, Rafael de Bivar. Economia escravista mundial. In: SCHWARTZ, Lília M.; GOMES, Flávio. *Dicionário da escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MBEMBE, Achille. *On the postcolony*. Berkely/Los Angeles: University of California Press, 2001.

_____. Note sur l'eurocentrisme tardif. *Blog Personnel d'Ekim Deger*, 17 mar. 2021. Disponível em: <<https://ekimdeger.fr/2021/03/17/note-sur-leurocentrisme-tardif-achille-mbembe/>>. Acesso em: 10 out. 2022.

MIGNOLO, Walter. *História locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2020.

ORTELIUS, Abraham. *Theatrum orbis terrarum, opus nunc denuo ab ipso autore recognitum...* Antuérpia, Coppenium Diesth, 1573. Disponível em: <<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40613882t>>. Acesso em: 5 nov. 2022.

_____. *Theatro del orbe de la Tierra ... Por la postrera vez ha emendado, y con nuevas tablas y commentarios augmentado y esclarecido*. Antuérpia: /Se vende en la libreria Plantiana/, 1612. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart49032/cart49032.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e as ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 115-147. Disponível em: <<http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>>. Acesso em: jun. 2023.

Rosana Paulino: a costura da memória. (Catálogo). Curadoria Valéria Piccolo; Pedro Nery; textos Juliana Ribeiro da Silva Bevilacqua; Fabiana Lopes; Adriana Dolci Palma. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2018.

SCHÜLER, C. J. *Cartografando o mundo*. Paris: Éditions de Place des Victoires, 2010.

THEVET, André. *La cosmographie universelle d'André Thevet. Vol. 1 (Afrique, Asie) / ... illustrée de diverses figures des choses plus remarquables veuës par l'auteur*

incogneues de noz anciens [et] modernes: Tome premier... Tome 1er [-4e], 1575. Paris: G. Chaudière, 1575. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109341b>>. Acesso em: 10 fev. 2023.

_____. *Les singularitez de la France antarctique, autrement nommée Amérique, & de plusieurs terres et isles découvertes de nostre temps / par F. André Thevet,...*, 1558. Paris: Imp. De C. Plantin, 1558. Leia-se Charles Plantin. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k109516t>>. Acesso em: 2 fev. 2023.

VASQUEZ, Pedro Karp. *Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX*. São Paulo: Metalivros, 2000.

WHINTER, Ramus Gronfeldt. *When maps became the word*. Chicago: The University of Chicago Press, 2020.

Como citar:

IPANEMA, Rogéria de. Presente do futuro: epistemográficas na nova pedagogia do olhar em Rosana Paulino. *Anais do 42º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Futuros da História da Arte: 50 anos do CBHA*, São Paulo: CBHA, n. 42, p. 1197-1210, 2022 (2023). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.42.097>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>